



# PESSOAS COM PERTURBAÇÃO DO ESPECTRO DO AUTISMO E SERVIÇOS DE SAÚDE

**Sugestões de boas práticas no atendimento**



**INR** instituto nacional para a  
**reabilitação**

Ministério da Saúde, do Trabalho e Segurança Social  
Instituto Nacional para a Reabilitação (INR)



# INTRODUÇÃO

Os serviços de saúde são constantemente desafiados, na organização e na garantia da qualidade do serviço prestado, pela sua utilização permanente por muitas pessoas. O desafio aumenta quando há que atender pacientes com extrema dificuldade em tolerar momentos de espera e excesso de estímulos sensoriais, pessoas que requerem atendimento diferenciado, num ambiente tão calmo quanto possível.

As pessoas com Perturbações do Espectro do Autismo (PEA) necessitam de um sistema de saúde amigável e flexível, que se adapte às suas características essenciais, adaptação em que o factor humano tem uma importância fundamental.

A adequação do ambiente, a prevenção das dificuldades que podem surgir no atendimento a pessoas com PEA, requerem uma colaboração estreita e informada entre profissionais de saúde e os prestadores habituais de apoio a essas pessoas.

Este guia, baseado em reconhecidas boas práticas, visa dar sugestões para facilitar o trabalho dos profissionais de saúde, melhorando do mesmo passo o atendimento das pessoas com PEA.

A sua utilização pode ser complementada, para maior eficácia, pelo uso, pelas pessoas com PEA, do “Passaporte” cujo modelo agora também se disponibiliza no sítio eletrónico da APPDA LISBOA, documento em que serão especificadas as características da pessoa com PEA sua titular.



# O QUE É A PERTURBAÇÃO DO ESPECTRO DO AUTISMO (PEA)?

É uma condição clínica presente desde a infância e de carácter permanente, decorrente de alterações no desenvolvimento e na maturação do sistema nervoso central, que acarreta um funcionamento cognitivo e sócio-comunicacional atípico.

## **PODE MANIFESTAR-SE ATRAVÉS DE:**

- Défice de reciprocidade social/emocional.
- Défice nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social.
- Défice no estabelecimento e/ou manutenção de relações apropriadas ao nível etário (além dos cuidadores).
- Padrões de comportamentos, interesses ou atividades restritos e repetitivos, tais como: Movimentos, uso de objetos ou fala repetitivos ou estereotipados. Adesão inflexível a rotinas, rituais ou comportamentos não-verbais padronizados. Interesses altamente restritos e fixos, que são anormais na intensidade ou foco. Hiper ou hipo-reatividade a estímulos sensoriais ou interesses invulgares em aspetos sensoriais do ambiente.



## **COMO PODEM REAGIR AS PESSOAS COM PEA NUM CONTACTO COM SERVIÇOS DE SAÚDE, NOMEADAMENTE, EM SITUAÇÃO DE URGÊNCIA?**

A PEA não se manifesta da mesma forma em todas as pessoas, pelo que a reacção de cada uma à situação pode variar bastante de caso para caso. No entanto, existem fatores comuns que nos permitem antecipar algumas das dificuldades que podem surgir.

Uma pessoa com PEA com boa competência cognitiva e capacidade comunicativa, em princípio, reagirá melhor à situação, mesmo num contexto de urgência, apresentando menos problemas de comportamento, já que terá uma melhor noção do que se passa e uma melhor capacidade para comunicar os sintomas. Porém, por ter consciência de que está doente, pode manifestar alguma ansiedade adicional quanto ao desenrolar da situação.

No pólo oposto, uma pessoa com PEA com poucas competências cognitivas e comunicativas terá muita dificuldade em compreender a situação pela qual está a passar, o que poderá originar problemas de comportamento e alguma agressividade.

3



# COMO FACILITAR O ACESSO DAS PESSOAS COM PEA ÀS UNIDADES MÓVEIS?

Quando é necessária a intervenção de Unidades Móveis de Urgências e/ou Ambulâncias, esta constitui para a pessoa com PEA uma situação nova, com grande carga de estímulos sensoriais potencialmente agressivos, podendo provocar-lhe rejeição e ansiedade. Para que tal não aconteça, é recomendado:

- Eliminar luzes e barulho de sirenes ao aproximar-se para ir buscar o paciente e também, sempre que possível, durante o transporte;
- Ponderar o uso de sedação se o paciente manifestar muita ansiedade;
- Manter arrumados ou ocultos objetos brilhantes e equipamentos médicos especialmente chamativos;
- Eliminar, se possível, o uso de batas brancas, máscaras, etc;
- Fazer o transporte do paciente sentado, sempre que a situação de urgência o permita;
- Permitir que o paciente leve consigo um objecto que o tranquilize (ex: brinquedo, revista), sempre que possível;
- Permitir que o acompanhante da pessoa com PEA esteja presente no transporte e, se possível, ajude na utilização/colocação de aparelhos médicos (ex: para medir a tensão).



# COMO RECEBER UMA PESSOA COM PEA NOS SERVIÇOS?

Na recepção da pessoa com PEA nos serviços de saúde, podem verificar-se algumas alterações de comportamento, por:

- quebra na rotina;
- reduzida compreensão da situação;
- pouca ou nenhuma familiaridade com o ambiente;
- excesso de estímulos ambientais (ex.: ruídos, luzes, objectos brilhantes, muitas pessoas, etc.);
- experimentação de dor e dificuldade em comunicá-la.

De forma a minimizar problemas de comportamento, sugere-se que sejam cumpridas as seguintes recomendações:

- Facilitar informação sobre as características da pessoa com PEA aos profissionais que com ela vão interagir (ex: perfil comunicativo, sensorial, comportamental e nível de autonomia nas actividades de vida diária);
- Reduzir o número de profissionais que vão contactar directamente com a pessoa com PEA;
- Reduzir os tempos de espera;
- Acomodar a pessoa com PEA e o acompanhante num espaço reservado, com o mínimo de estímulos sensoriais possível.

5

## **PORQUÊ DAR PRIORIDADE?**

As situações de espera são especialmente difíceis de gerir para as pessoas com PEA. O ambiente dos serviços de saúde, mormente, o dos hospitais, além de ser um espaço diferente daquele onde se inserem as suas rotinas diárias, não permite a estruturação do tempo, a previsibilidade que lhes dá segurança. O facto de não saberem o que vão fazer a seguir, quanto tempo vão permanecer naquele espaço, e o facto de, muitas vezes, não terem noção do motivo pelo qual ali estão, podem ocasionar que surjam alterações no comportamento difíceis de gerir.

A espera para ser atendido/a provoca habitualmente ansiedade, agitação, agressividade, maior dificuldade na aceitação de estranhos e, conseqüentemente, reduz a possibilidade de colaboração na observação que facilite o diagnóstico e a intervenção adequados.

A redução dos tempos de espera é imprescindível para minimizar o impacto da duração da espera, incompreensível para as pessoas com PEA, evitando-se assim problemas comportamentais que podem resultar no aumento da agitação motora e em eventual agressividade dirigida a objetos, ao próprio e/ou a outros, colocando em risco a segurança da pessoa com PEA, da equipa de profissionais e, até, dos outros utilizadores do serviço.

6

# COMO FACILITAR A IDENTIFICAÇÃO DOS SINTOMAS?

Para a observação, o exame clínico, o uso de meios complementares de diagnóstico e de intervenções terapêuticas em pacientes com PEA, é importante que o ambiente físico e humano seja tranquilo, com poucos estímulos (ruído, luzes, etc).

Sempre que possível, devem evitar-se as mudanças de lugar e de profissionais, quer para a examinação, quer para a realização dos exames complementares que sejam imprescindíveis.

Uma vez que os limiares de dor podem estar alterados, por via de limitações na integração sensorial, e que os pacientes com PEA podem ter dificuldades de comunicação, há que prestar especial atenção a outros aspectos. É importante ter em consideração a informação do acompanhante, que será, por via de regra, a pessoa que melhor identifica as alterações do/a paciente.

O exame de uma pessoa com PEA apela à paciência e à compreensão dos profissionais de saúde na medida em que a recolha de dados poderá ser dificultada pelas limitações na comunicação e pelas alterações comportamentais.





# COMO FACILITAR A REALIZAÇÃO DE EXAMES COMPLEMENTARES?

Existem recomendações gerais para a realização de qualquer exame complementar:

- Explicar o procedimento com poucas palavras, utilizando linguagem simples;
- Usar pictogramas ou imagens, se possível;
- Usar pictogramas ou imagens, se possível;
- Permitir a prévia manipulação dos aparelhos, se possível (ex: termómetro, medidor de tensão, estetoscópio);
- Demonstrar o procedimento no acompanhante;
- Actuar calmamente, mas com rapidez.

Na realização de alguns procedimentos, tais como: recolha de amostra de sangue, tratamento de feridas, realização de suturas, entre outros, poderá ser necessária a imobilização da pessoa com PEA com recurso a várias pessoas, para que o procedimento seja realizado o mais rapidamente possível.

Para a realização dos referidos procedimentos e, bem assim, de exames como raio-x, TAC, ressonância magnética, ecografia, entre outros, caso não seja utilizada sedação, o acompanhante deve manter-se próximo da pessoa com PEA, para lhe tentar transmitir tranquilidade e para sugerir estratégias de actuação que minimizem o desconforto do/a paciente, se possível.

8

# COMO AGIR EM CASO DE INTERNAMENTO?

A quebra de rotina para uma pessoa com PEA é frequentemente fonte de mal-estar e pode potenciar alterações comportamentais disruptivas.

Uma situação de internamento hospitalar implica que a pessoa com PEA tenha de adaptar as suas rotinas a um novo contexto, pelo que, sempre que possível, devem seguir-se estas recomendações:

- o local onde vai ficar deve permitir uma vigilância quase permanente por parte da equipa hospitalar;
- o acompanhante deve participar na escolha desse local, já que terá em consideração características do espaço que podem actuar como facilitadores ou barreiras (e.: proximidade da janela, da televisão, etc.);
- a pessoa com PEA deve ficar num espaço mais reservado, para conforto seu e também dos que a rodeiam, já que poderá manifestar alguns comportamentos desajustados que perturbem outros pacientes;
- o quarto deve ficar perto da casa-de-banho e deve ser mostrado à pessoa com PEA qual o trajecto a fazer para a utilizar (é importante acompanhar e vigiar o trajecto, enquanto não se verificar autonomia);
- a pessoa com PEA deve ter acesso a objectos que a distraiam e lhe transmitam segurança (ex.: jogos da sua preferência, revistas, tablet);
- em cada turno deve haver um profissional de referência que esteja mais próximo do/a paciente;
- toda a comunicação realizada deve ter em conta a informação fornecida pelo acompanhante quanto ao perfil comunicativo da pessoa com PEA (ex: se comunica por imagens, se compreende apenas frases simples, etc.);
- as medidas de contenção física apenas devem ser utilizadas como último recurso e cumprindo todos os requisitos de segurança exigidos.



## COMO PROCEDER NO MOMENTO DA ALTA?

O regresso a casa, após uma ida aos serviços de saúde, nomeadamente, às urgências, ou após um internamento, reveste-se de marcada importância, já que é um momento que pode atribuir uma memória positiva associada àquela experiência e àquele local.

Uma recomendação importante prende-se com o momento da saída do local onde foi atendida. Caso a pessoa com PEA esteja tranquila, seja no gabinete, médico ou de enfermagem, onde foi examinada ou terminou o tratamento, seja no quarto onde fez o internamento, é importante permitir que o acompanhante resolva todas as questões burocráticas relacionadas com a saída ou a alta médica antes de a ir buscar ao local onde está, para evitar que seja criado mais um momento de espera noutra local (ex: nos serviços administrativos), o que pode potenciar um aumento da ansiedade e a vivência de uma situação negativa.

No momento da saída, à partida, a pessoa com PEA já estará mais calma, sem o desconforto ou as dores que a levaram ao serviço de saúde, urgência ou hospital e poderá, por isso, estar mais disponível para uma interacção positiva com a equipa de profissionais de saúde. É importante que o acompanhante possa actuar como mediador, no momento da despedida dos elementos da equipa, sugerindo-lhes a forma mais adequada de o fazer, na tentativa de deixar uma última memória positiva na pessoa com PEA acerca da sua experiência no contexto do serviço de saúde.

O objectivo final é que, numa futura situação de acesso a serviços de saúde, a pessoa com PEA sinta mais segurança em todas as etapas do processo.



## **AGRADECIMENTOS**

A APPDA LISBOA agradece

- o co-financiamento pelo Instituto Nacional para a Reabilitação (INR), que viabilizou a realização deste trabalho;
- a colaboração da sua congénere “Autismo Burgos”, cujo trabalho nesta área lhe serviu como ponto de partida para a elaboração do guia;
- a colaboração voluntária de Maria Emília Nobre na tradução das linhas orientadoras, essenciais para a coerência do projeto.

Este guia pretende ser uma ferramenta para os profissionais de saúde, a fim de os dotar de estratégias que melhorem a qualidade do serviço prestado, tornando-o mais célere e menos invasivo para as pessoas com Perturbações do Espectro do Autismo (PEA), e evitando, simultaneamente, o desencadear de situações disruptivas, desgastantes para todos os intervenientes e beneficiários dos serviços de saúde.

Para mais informações acerca deste tema,  
não hesite em contactar a APPDA LISBOA.

[www.appda-lisboa.org.pt](http://www.appda-lisboa.org.pt)

e-mail: [info@appda-lisboa.org.pt](mailto:info@appda-lisboa.org.pt)

Tel.: 21 361 62 50

Rua José Luis Garcia Rodrigues

Bairro Alto da Ajuda, 1300-565 Lisboa



**INR** instituto nacional para a  
reabilitação

Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social  
Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.